

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO EM SÃO JOSÉ DO NORTE

SOCIAL RELATIONS OF PRODUCTION AND THE PRODUCTION OF AGRARIAN SPACE IN SÃO JOSÉ DO NORTE

Luiz Fernando Mazzini Fontoura*

Resumo

Este trabalho descreve os sistemas de produção predominantes no município de São José do Norte, Rio Grande do Sul, na década de 1990. Avaliam-se as relações sociais na atividade agrícola, onde o trabalho camponês cria uma relação bastante específica com o mercado externo ao município, configurando uma especialização regional através da produção de cebolas. Após anos alternando boas e más safras, a década em questão apresenta um declínio desta atividade ao ponto de não mais garantir a reprodução da família/unidade de produção. Também são estudadas as condições, neste período, do desenvolvimento da lavoura de arroz na porção norte do município, bem como a infra-estrutura no que concerne a energia e a estrada.

Palavras-chave: sistemas de produção; relações sociais; campo

Abstract

This work describes the main production systems in São José do Norte municipality, Rio Grande do Sul, through the 90 decade. Social relationships in agricultural activities are evaluated, where peasant creates a very special relationship with the market outside the prefecture, configuring a regional specialization through the onion production. After years alternating good and bad harvest, that decade presents a decline of that activity in such a way that family/production unity could not be reproduced anymore. In addition, the condition of rice culture development in north area of the prefecture is also studied, including infrastructural aspects like energy and roads.

Key-words: production systems; social relations; field.

* Professor do Departamento de Geografia da UFRGS; Graduado em Geografia-licenciatura (UFRGS); Mestre em Sociologia (UFRGS); Doutor em Geografia Humana (USP); luiz.fontoura@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O artigo tem como base a dissertação de mestrado defendida em 1994 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e desenvolvida conjuntamente a um projeto de extensão do Departamento de Geociências da Fundação Universidade do Rio Grande durante os anos de 1990 e 1994.

O município de São José do Norte revela paisagem curiosa e desafiadora, pois é como se enxergássemos hoje uma paisagem comum no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1950 e 1960: o transporte de passageiros e veículos feitos por barcas para o município de Rio Grande (situado a sudoeste) através do Canal de mesmo nome; a “estrada do inferno” como é conhecida RST-101 por suas péssimas condições de tráfego quer em tempo chuvoso ou muito seco por ser arenosa – característica da restinga que separa a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico (a oeste e leste, respectivamente) – liga o município de São José à cidade de Tavares, no município vizinho, ao norte.

Conhecido no passado como o maior produtor de cebolas do Brasil¹, o município tinha uma população de origem açoriana, predominantemente de origem rural, isto 65,6% ou 13.969 habitantes, segundo o Censo do IBGE de 1980. A população urbana, segundo a mesma fonte, era de 7.302 hab. ou 34,4%². A maioria destes habitantes vivia direta ou indiretamente de cebolicultura.

O município de São José do Norte se divide em três distritos (ver mapa Localização - anexo). O primeiro Distrito abriga 51,3% da população. É onde encontramos a maior parte da produção de cebola, com base no trabalho familiar. A estrutura fundiária é bem parcelada com propriedades em torno de

¹ Até 1977, o estado do Rio Grande do Sul era o maior produtor de cebolas do Brasil, sendo o município de São José do Norte o maior produtor. Daí em diante o estado de São Paulo ultrapassou a produção gaúcha. A partir de 1987, foi a vez de a produção catarinense ultrapassá-la também.

² Segundo CENSO de 1990, do IBGE, a população nortense total são de 22.079 habitantes, sendo 13.513 na área urbana e 8.566 na área rural. No Censo 2000 a população total nortense é de 23.796, sendo 17.294 (72,67%) no meio urbano e 6.502 (27,33%) no meio rural.

15 a 20 ha. No limite com a Laguna dos Patos encontram-se pequenas vilas de pescadores que vivem principalmente da safra do camarão. Nessas vilas não se sobrepõe às atividades extractivas e agrícolas fazendo com que pescadores e agricultores troquem entre si suas produções. Nesta área, e também ao longo do litoral, é comum a presença de dunas o que dificulta o trabalho agrícola, onde foi realizado florestamento de *pinus elliotis*. No Segundo e Terceiro Distritos, a estrutura fundiária é outra. Encontram-se propriedades de 200 ha ou mais, e a pecuária e a cultura do arroz tornam-se mais comuns, principalmente em direção ao norte, no Terceiro Distrito. A partir de Capão do Meio começam a aparecer silos e secadores de arroz, (só notados em pequenos enclaves no Primeiro Distrito), em áreas de terras baixas e de fácil obtenção de água.

A origem desta divisão municipal tem seu elemento formador na Estância Real do Bojuru. No entanto, esta não correspondeu às expectativas e propósitos do governo. Os furtos e a falta de cuidado teriam levado a sugestão de seu parcelamento em 1768, o que começou a ser incentivado partir de 1870. Ficou decidido por uma portaria esboçada por José Marcelino, datada de 11.10.1771, que as terras seriam repartidas a continentinos açorianos e índios. Dadas a pouca quantidade de gado bovino existente ficaram desobrigados do suprimento das necessidades da tropa, substituído pela obrigação da doação de um cavalo manso, desaparecendo posteriormente este encargo.

Este processo de colonização e distribuição de terras coincide, a grosso modo, com a estrutura fundiária encontrada hoje, ou seja, parcelada no Primeiro Distrito e em lotes compridos, da estrada até a Laguna ou até o mar, principalmente nas localidades do Estreito e no Capão do Meio, no segundo e terceiro distritos respectivamente. A partir da observação da paisagem foi possível constatar, da sede do Município até a localidade do Estreito, que em uma estrutura fundiária bastante parcelada com pequenos enclaves de rizicultura concentra-se a maior parte dos cebolicultores. Em direção ao Estreito e a Capão do Meio há o predomínio da pecuária extensiva. De Capão do Meio até Bojuru encontramos a rizicultura praticada dentro da racionalidade capitalista. Portanto, analisando o desenvolvimento do cultivo de arroz em São José do Norte e Mostardas, podemos notar que o caminho é percorrido é na

direção do segundo para o primeiro, sendo o desenvolvimento maior neste último.

1. DA ANÁLISE DA PAISAGEM AOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Ao observar-se a paisagem do município de São José do Norte nota-se o contraste entre as transformações causadas pelo cultivo da cebola e pelo cultivo do arroz. Entretanto, a simples identificação do contraste não responde sobre o processo de alteração da paisagem que se desenvolve nesta área, e que a diferencia das demais. Ou seja, o atraso tecnológico e a falta de infra-estrutura para a produção mecanizada que caracterizam o município, contrastam com outras regiões onde houve desenvolvimento agrícola.

A estratégia de identificar os sistemas de produção tem por objetivo demonstrar as diferenças na divisão do trabalho e da racionalidade dos negócios ao nível das unidades de produção, bem como a potencialidade de cada grupo e suas estratégias de reprodução, para que, num segundo momento, se possa identificar que agentes determinam o processo gerador destes contrastes e, principalmente, como estes se mantêm.

Assim, a partir da metodologia da análise dos sistemas de produção chegamos a três principais sistemas de produção (ver mapa dos sistemas de produção – Figura 1):

- a) Sistema 1: a cebolicultura, subdivididos em produtores de base familiar e produtores-comerciantes, onde prevalece a propriedade do estabelecimento.
- b) Sistema 2: a pecuária, a cebolicultura e a rizicultura, onde na cebolicultura prevalece o sistema de parceria na cebolicultura.
- c) Sistema 3: a rizicultura e a agroindústria.

O sistema intitulado **a cebolicultura de produção familiar**, caracteriza a base da produção no Município e envolve o maior número de pessoas, sendo este predominante no Primeiro Distrito. Nesse sistema chamamos a atenção para a pouca divisão do trabalho devido à unidade familiar na produção e sua relação com os chamados “atravessadores”, aqui caracterizados como

produtores/comerciantes, os quais estabelecem a ponte entre pequenos produtores e o mercado nacional.

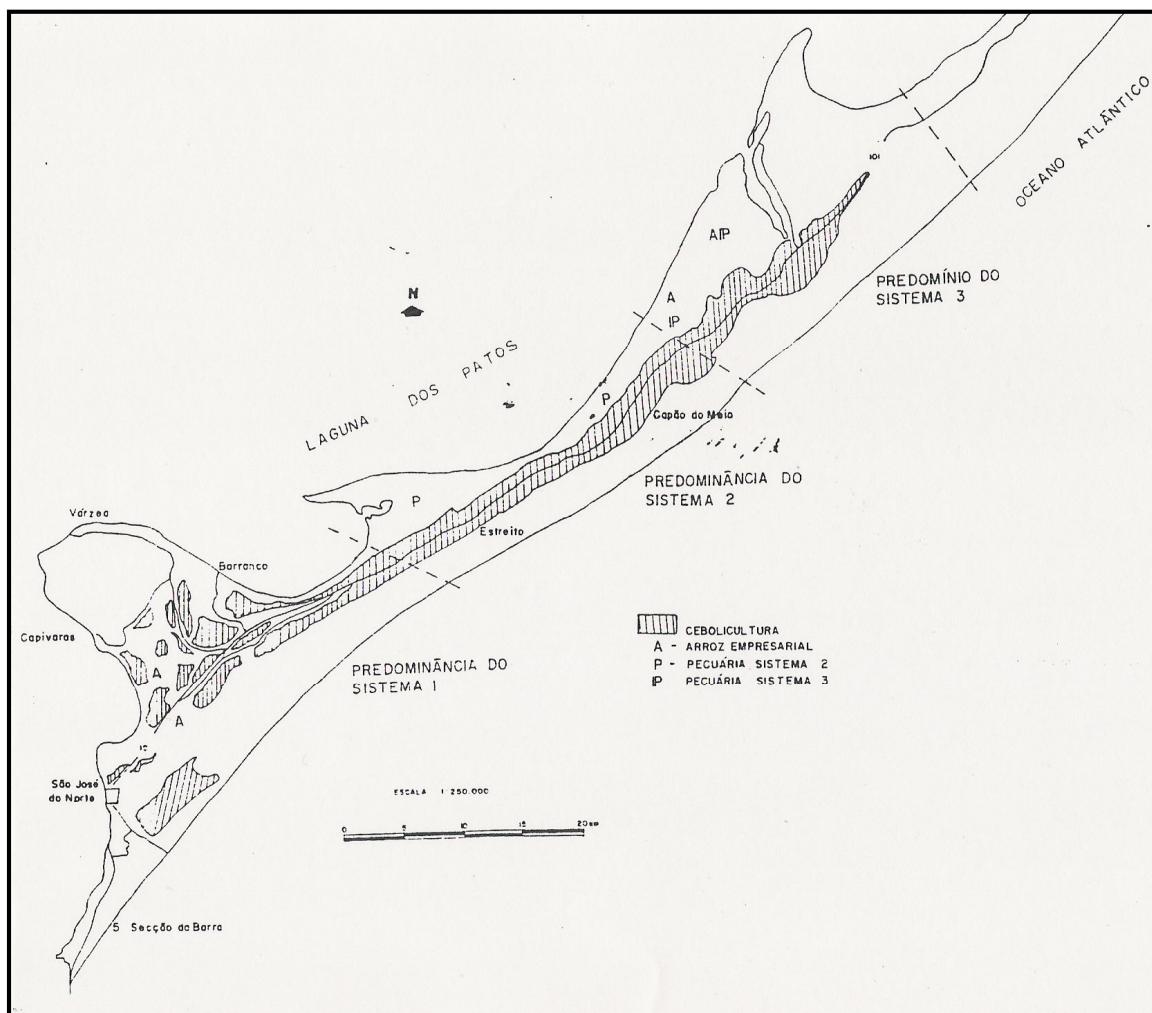


Figura 1: Os sistemas de produção agrários em São José do Norte
(Desenho: Geógrafa Lucimar Siqueira).

Este sistema de produção seguramente envolve o maior número de estabelecimentos, e, portanto, o maior número de pessoas que trabalham no meio rural do Município. Nele encontra-se a base da produção de cebolas que determina a forma da paisagem. Essas unidades de produção têm geralmente 15 a 20 ha, mas dependendo da localidade, podem ser menores. Isto é, em direção a 5^a Seção da Barra, principalmente entre a estrada e o canal, encontram-se propriedades de 2 a 7 ha, com o funcionamento igual às demais. Mas, seguindo-se pela RST 101, em direção a Tavares, na altura da localidade do Tesoureiro encontramos grande aglomeração de unidades de produção

destinada ao cultivo de cebolas com base no trabalho familiar. Daí para as localidades do Retovado, Rincão do Barbosa e Barranco, são mais comuns às propriedades de 12 ha. Esta área se observada em seu conjunto é baixa, com cotas mínimas de 6m; no entanto, devido à existência de pequenas ondulações no terreno os agricultores procuram fazer os canteiros de cebola nas terras baixas, procedendo de maneira contrária nos anos mais chuvosos, em áreas um pouco mais altas.

Como a técnica adotada é a da rotação de terras, a troca de canteiros de cebola se dá em intervalos que variam de 3 a 5 anos. Como o efetivo pecuário é muito pequeno, se preserva a vegetação nativa existente que serve como protetor dos fortes ventos característicos da região. Em direção ao arroio do Inhame começa a diminuir o número de estabelecimentos cebolicultores. Dada à característica de terreno arenoso e sem cobertura vegetal aparecem glebas com florestamento de pinus sendo a maior parte da empresa FLOPAL (Florestadora Palmares Ltda). Nas localidades do Passinho, Capivaras e Várzea predominam a população de pescadores, onde não se nota nenhuma atividade agrícola nas redondezas das casas ou vilas, indício de que não há, via de regra, sobreposição das atividades. Ao longo da RST-101, nas proximidades da localidade do Passo da Miguelita, tanto pela estrada “velha” com pela “nova”, encontramos estabelecimentos classificados neste sistema.

Um fato pouco comum é encontrado entre a estrada “velha” e na Lagoa da Torneira, onde a presença de dunas nos lotes dos produtores impossibilita a rotação de terras pela diminuição da área produtiva. Isto faz com que o período de uso da terra para o cultivo da cebola seja maior, bem como a exigência do uso de fertilizantes. Em tempos de cheias comprometem a produtividade, a qualidade e o tamanho da cebola, e consequentemente a renda do produtor. Rumo às localidades do Estreito, Gravatá, Bojuru e Caminho do Meio, diminuem significativamente o número de estabelecimentos deste tipo embora ainda sejam bastante encontrados à margem da estrada principal.

Quanto aos instrumentos de trabalho é característico deste sistema o uso de tração animal. É usual a junta de boi ou cavalo para puxar o arado móvel, embora tenhamos encontrado também o arado fixo com cabo de madeira. A maioria dos veículos utilitários é de tração animal. Alguns poucos

produtores têm camionete ou jipe, porém em mau estado, geralmente movido a gás de cozinha.

A semeadura, o transplante do cebolinho, a capina e a colheita é toda executada manualmente, utilizando instrumentos simples como a pá, a enxada, etc. Nenhum dos entrevistados deste grupo possui trator; embora praticamente todos manifestassem o desejo de adquiri-lo³. A semente é comprada no comércio, bem como o adubo químico (embora usem também o orgânico), o calcário para correção, os fungicidas e pesticidas. Quase todos têm uma pequena criação com uma ou duas vacas para o leite, galinhas e porcos. Destes, somente o porco é criado confinado, sendo o restante criado à volta das casas. É utilizado também, o sulcador para levantar um pouco a terra na base da planta, a fim de evitar o seu tombamento por ação dos ventos, também chamados de “amontoa”.

Para o cultivo da cebola é necessária a formação de canteiros onde será semeado o cebolinho, muda que será transplantada para o canteiro definitivo. O cultivo é desenvolvido em canteiros estreitos de 40 a 60 cm, normalmente por drenos (valetas) mais profundos dadas às características do solo. Os solos arenosos com problemas de drenagem, próximos do lençol freático, são facilmente inundáveis em épocas de chuvas prolongadas, ou apresentam déficit hídrico em tempos de estiagem. Ambas as situações são características do clima onde se situa a área de estudo. No preparo dos canteiros são utilizados o adubo químico e correção calcárea como forma de minimizar e corrigir as características do solo arenoso, pouco fértil e com pH baixo, portanto ácido. Na etapa do preparo dos canteiros, a maioria dos produtores informou utilizar o adubo orgânico como forma de baixar os custos de produção, exceto aqueles que não tinham nenhuma criação de animais.

De qualquer forma, poucos produtores realizaram análise do solo no sentido de obter um bom resultado, tanto visando à produtividade ou a racionalidade dos custos, limitando-se à adequação da época e à forma de aplicação. Para a grande maioria o lançamento da semente é feito sem ordem,

³ No trabalho de campo foram visitadas todas as localidades do município, sendo que no questionário exploratório chegou-se a 60 entrevistas. Para o questionário final foram entrevistados 20 produtores que melhor representavam cada um dos três sistemas. Utilizou-se o método de amostragem qualitativo. Foram realizadas saídas ao campo entre os anos de 1990 e 1994, normalmente nos meses de janeiro e julho.

o que compromete a semeadura e dificulta o combate a plantas daninhas as quais, neste sistema, são combatidas com o uso de agrotóxicos, ou como vem ocorrendo ultimamente, por medida de economia, com capina manual.

Nesta etapa sempre é utilizada a tração animal para a construção dos canteiros. O transplante das mudas se dá após um período de 70 a 90 dias da semeadura. Este trabalho é realizado manualmente. No canteiro definitivo, semelhante ao destinado ao cebolinho, as mudas são colocadas em um espaçamento de 0,12 x 0,15 x 0,10m, uma densidade considerada muito alta pelos técnicos locais, o que compromete a produtividade, que giram em torno de 7 a 12 t/ha, dependendo da unidade de produção. Entre o período de transplante e a colheita, são comuns as capinas, pois a cebola apresenta baixa competitividade com outras espécies vegetais não desejáveis que normalmente se desenvolvem conjuntamente.

Neste sistema a capina é manual. Os canteiros definitivos são de tamanhos variados, conforme a topografia, abrigo da vegetação existente e a área disponível, visto que é normal a rotação de terras. Em um sistema adequado, 2,5 kg de semente são suficientes para a obtenção de 1 ha de plantio, ocupando aproximadamente 500m² para a semeadura.

Todos os agricultores entrevistados utilizam rotação de terras, devido à baixa fertilidade do solo. A rotação de terras é normalmente realizada no período 3 anos, dependendo do tamanho da unidade de produção e da disponibilidade de terras agricultáveis. Os agricultores utilizam duas ou três áreas destinadas a canteiros de cultivo, possibilitando, no segundo caso menor tempo de uso e maior tempo de pousio.

Uma vez determinado o momento da colheita, normalmente evidenciada pelo tombamento da parte aérea da maior parte das plantas, é iniciado o trabalho de armazenamento e restiamento da cebola, aguardando o momento mais oportuno para a venda. No sentido de exemplificar o número de horas de trabalho executado, ilustramos com um quadro elaborado por LUZZARDI (sd, p.41), com o objetivo de obter o custo da produção de cebola, durante a década de 60. Para o sistema de produção de base familiar este quadro é significativo, pois as condições de produção não mudaram muito na década de

60 até a década de 1990⁴. Devido à rotação de terras e a presença comum de áreas arenosas e/ou banhado, é comum os produtores utilizarem um terço apenas do total da área da unidade de produção. Mesmo como pousio, todos os produtores de cebola utilizam adubos, fertilizantes e agrotóxicos, normalmente comprados em São José do Norte sem consulta de preços. Estes insumos são utilizados somente na cultura da cebola, que é a única comercializável. Não há qualquer cuidado na aplicação de agrotóxicos. Os produtores aplicam os produtos descalços, sem proteção para as mãos ou o rosto. Poucos produtores relataram observar a direção do vento no momento da aplicação de tais produtos, como forma de evitar o contato direto do rosto com a nuvem produzida na aspersão.

Em média a área trabalhada por uma pessoa é de 1 ha, mesmo em áreas de cedidas ou em parceria (Figura 2).

Fonte: - Levantamento realizado pelo autor para a obtenção do custo da produção da cebola.

TAREFAS	Horas Efetivas	%	Jornadas (a)
1. Lavração e gradagem	40	4	4,0
2. Formação dos canteiros	50	5	5,0
3. Adubação e estrumação	122	12	12,2
4. Plantação (semeação e transplante).	188	18	18,8
5. Capinas	233	22	23,3
6. Colheita e armazenamento	161	15	16,1
7. Restiamento e embarque	240	23	24,0
8. Combate a praga e eventuais	16	1	1,6
T O T A I S	1.050	100	105,0

(a) - A jornada é uma medida de trabalho. Representa a quantidade de trabalho humano diretamente produtivo e executado em 10 horas.

Figura 2 – Tarefas e horas trabalhadas.

⁴ Isto representa uma jornada para a cultura principal a cebola de 21,1 horas semanais de trabalho essencialmente manual. A que se somar a cultura de subsistência, a criação, tarefas e reparos domésticos. Ainda assim, o cebolicultor é comumente taxado de preguiçoso que só vive da produção de cebolas.

Os demais cultivos são o milho, o feijão e a horta. Os dois primeiros são plantados após a colheita da cebola no mesmo canteiro para aproveitar a “força da terra” como chamam os produtores, ou seja, o que restou da adubação para a cebola. Todavia é comum encontrar produtores que associam o milho e o feijão, plantando-os no costado ou nas cabeceiras do canteiro da cebola. Pode aparecer também, quando utilizados os canteiros da cebola, o plantio da batata doce, mais comum e mais adaptada que a batata inglesa, que na opinião dos produtores é de tamanho pequeno e de alto risco. O milho é fundamental, pois fornece alimentação para a criação como porcos, galinhas, e para os animais de tração, principalmente. Entretanto, para boa parte dos produtores a produção própria não é suficiente obrigando-os a comprar no comércio a complementação da ração para os animais. Por isso existe uma relação entre os ganhos obtidos com a cebola, a produção do milho (sucesso ou quebra de safra) e o tamanho da criação. Se por um lado a criação de porcos abastece a família de carne e banha (que substitui o óleo vegetal a ser comprado), por outro lado, quando a venda da cebola não gera os recursos suficientes para a compra do milho, traz como consequência a redução ou o desaparecimento da criação.

O feijão é juntamente com o arroz, a ração básica do agricultor. Por isso é o feijão ao cultivo de subsistência que os produtores plantam, e, salvo alguma quebra de safra, a produção é suficiente para o abastecimento da família⁵.

A horta se localiza próxima a casa e geralmente são pequenas. Entretanto, esta é bastante diversificada com produtos como o pimentão, o tomate, o repolho, a couve-flor, a couve, a beterraba, o rabanete, a cenoura, a abóbora, a mostarda, o morango, a batata e a batatinha, batata-doce e temperos diversos. Alguns produtores têm tonéis onde acumulam água da chuva para irrigar a horta, porém nenhum tem qualquer outro sistema de

⁵ A maioria dos produtores diz não plantar mais porque não consegue comercializar. Porém, um produtor entrevistado ampliou sua produção de feijão chegando a produzir 300 kg do produto. Não explicou como, mas conseguiu vender sua produção ao supermercado local. Muito empolgado, nos relatou que tinha intenções limpar o mato e aumentar a produção com tomate e pimentão, substituindo aos poucos a cebola. Este produtor nunca pensou na possibilidade de utilizar-se dos benefícios proporcionados pela eletrificação rural, ou da pavimentação da estrada (asfaltamento da RST-101), limitando-se a observar que ficaria mais fácil levar seus produtos na carroça a São José do Norte.

irrigação artificial. Próximo a casa sempre existe um pequeno pomar onde cultivam pêssegos, limão, laranja, goiaba, etc.

A horta tem grande importância neste sistema de produção, pois garante o abastecimento de gêneros alimentícios para a família. Perguntados se a alimentação representava muito ou pouco para o abastecimento do consumo familiar, a maior parte dos entrevistados respondeu muito. Em boa parte das respostas vinha acrescida do comentário de que economizavam muito com a horta, comprando apenas aquilo que não podem produzir, como por exemplo, arroz, açúcar, etc. Em anos em que a cebola não alcança bom preço de venda é a horta que garante o abastecimento. Quando a cebola alcança um bom preço, muitas famílias com expectativas de renda preocupam-se menos com a horta, para seu abastecimento, comprando mais no armazém. Mas sucessivas safras com baixo rendimento têm feito com que a horta retome a sua importância e os armazéns fiquem sem movimento. Como nos relatou a proprietária de um armazém no meio rural: "aqui ninguém mais têm dinheiro".

Entre os motivos que contribuem para o aumento da quantidade ou variedade de produtos da horta está a solidariedade a parentes, amigos ou vizinhos necessitados e a garantia de uma disponibilidade de sementes. Perguntados se, quando o preço da cebola é alto, plantam menos para o consumo próprio, também a maior parte respondeu que plantam a mesma quantidade. Já quando perguntados se, em conjuntura de preço baixo para a cebola plantam mais, as respostas se direcionaram para a manutenção do tamanho da horta, pois os que aumentam a produção para consumo próprio, mostram a preocupação de "se defenderem melhor". Isto porque nos últimos anos pouco dinheiro tem sobrado da venda da cebola, a única cultura comercializável e, portanto, única fonte de obtenção de dinheiro. Os que responderam plantarem a mesma coisa a ambas as perguntas, salienta-se o fato da produção da horta exceder o necessário para o abastecimento da família. Isto gera uma sobra de alimentos a ponto de alguns produtores dizerem que se aumentassem a produção da horta acabariam jogando fora certa quantidade, visto que o máximo que eles conseguem é a doação, pois não há condições de comercialização desses produtos.

Na horta não é utilizado adubo químico nem agrotóxico, pois além de não ter retorno em dinheiro, nem necessidade de produtividade, alguns

produtores alegam ser o uso de agrotóxicos prejudicial à saúde. O problema principal verificado na horta é o da irrigação em tempos de estiagem, o que compromete o abastecimento. A horta cumpre o importante papel de garantir a alimentação do produtor e sua família, haja vista que não sofre variação da área plantada nem mesmo quando a cebola aumenta de preço, e aumenta pouco quando o preço da cebola cai.

A remuneração do produtor, ou a sua forma de obter dinheiro, se limita à comercialização da cebola. Portanto, esta é a única mercadoria que possibilita a aquisição de bens que não são produzidos na unidade de produção. Sendo a cebola o único produto comercializável pelos pequenos produtores, não havendo entre eles casos de assalariamento.

A rotina da família é caracterizada pelo fato de todos os seus membros trabalharem em todas as etapas do cultivo da cebola e da horta, bem como todos participarem da pequena criação. Claro que as tarefas como o preparo da terra, ou seja, lavração e gradagem, formação de canteiros, adubação e estrumação são feitos por adultos. A partir daí, tarefas como plantação (semeadura e transplante), a capina, a colheita e tarefas do armazenamento são realizadas por todos, inclusive crianças. Quando o filho homem se aproxima da maioridade passa a ganhar parte da cebola plantada para vender quando e para quem quiser, embora decisões como quantidade a ser plantada, o quanto investir, sejam tomadas em conjunto e com uma maior influência do chefe da família. Mesmo se houver uma divisão da área plantada da cebola, todos trabalham em todas as etapas. Assim, os produtores plantam em diferentes períodos dentro da época de plantio e transplante, o que permite a “troca de favores”, ou seja, independente de uma emergência, uma doença ou qualquer outro impedimento do trabalho, os produtores costumam prestar serviços uns aos outros, principalmente nas etapas que exigem muito trabalho manual.

Neste sistema, não foi observada nenhuma forma de parceria. Existe sim, a troca de serviço ou simples empréstimo da terra (principalmente a amigos e a parentes e no máximo de 1 ha). É freqüente neste sistema a troca de alimentos, tanto agrícolas, como da criação. Por exemplo: quando um produtor abate um porco ou uma rês, é comum oferecer o excedente aos vizinhos, que lhe retribuem em uma outra ocasião da mesma forma. Foram

constatadas também em agricultores que moram próximo as vilas de pescadores, a troca de produtos, principalmente da horta, por peixe ou mesmo camarão, sendo o peixe mais comum, visto que o camarão é o principal produto comercializável para os pescadores⁶.

Em geral, os produtores deste sistema trabalham intensivamente de abril/maio a dezembro/janeiro, na safra da cebola e com as culturas da horta. Findada a safra da cebola, aqueles que plantam o milho e o feijão depois da colheita principal, passam à atividade da limpeza e conservação da cebola. Esta atividade consiste em tirar as túnicas externas das cebolas para dar uma melhor aparência na hora de vender e separar as cebolas que vão apodrecendo para não afetar as demais. Isto é feito muitas vezes no galpão à noite, com pouca luz, o que levou muitos agricultores a desejarem energia elétrica de rede. Um jovem agricultor de 26 anos relatou que depois da limpeza da cebola, até o plantio do cebolinho passa-se por um período ocioso, pois não conseguindo comercializar outro produto que não seja a cebola, não há muitas atividades a fazer.

Os produtores costumam ir pouco à cidade. É mais freqüente irem a São José do Norte, Tavares e a Mostardas secundariamente. Geralmente buscam esses lugares por motivos de saúde, para sacar a pensão ou a aposentadoria, ou para fazer compras no supermercado⁷. A política pouco lhes interessa. Raras são as famílias que possuem televisão a bateria. Mas é comum o rádio, que desempenha funções como a de dar recados para parentes ou amigos, informar sobre a comercialização da cebola e veicula aviso do banco aos agricultores (ex.: aceitação do pedido de crédito para agricultura). A escolaridade é muito baixa, sendo que a maioria dos agricultores lê muito pouco e mal escrevem o nome. Ainda que os adultos manifestem o desejo de que os mais jovens estudem, tampouco estes ultrapassam a 3^a série nas precárias instalações das escolas de ensino fundamental existentes.

⁶ Cabe avisar que a população de pescadores não foi estudada, visto que esta atividade artesanal pouco interfere na dinâmica da agricultura. Apenas dois entrevistados pescavam camarão e eram agricultores.

⁷ Em anos passados muitos compravam nos armazéns existentes. Hoje as compras são feitas no Supermercado da cidade. Além de vantajoso, muitos produtores quando recebem o dinheiro da venda da cebola e já compram o que necessitam e podem para o ano todo. Pagam à vista do dono do Supermercado e retiram a mercadoria ao longo do ano.

Após a colheita e armazenamento da cebola ocorre maior movimentação. Os chefes da família ou filhos que têm alguma parte da cebola costumam ir a São José para tomar conhecimento do preço comercializado. Mesmo anunciada pela rádio local, a maioria prefere informar-se na cidade, principalmente em frente ao restaurante Quebra-Mar, onde vendedores e compradores de cebola se encontram. São comuns os casos de maridos levarem as esposas para passear e fazer um lanche na cidade nesta época. Assim a maior parte da atividade social e econômica da família é regulada em função da cebolicultura.

A maior parte do comércio da cebola é realizada na rua onde os produtores encontram os compradores e então efetuam o negócio. O produtor proprietário da cebola traz da sua unidade de produção a mercadoria e a expõe aos compradores. O transporte é feito de caminhão, podendo ocorrer também em pequenas camionetas ou reboques puxados a trator. Combinado o preço da cebola é vendida no ato. O preço oscila muito durante a safra, pois, independentemente da taxa de inflação alta (que era comum no período da realização da pesquisa) essa oscilação dependia da oferta do dia, ou seja, da quantidade de cebola que chega a cidade e respectiva procura pelos grandes atacadistas, principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. outrora, os compradores de outros estados eram em número bem superior aos compradores locais. A situação se inverteu no período pesquisado porque a região produtora de cebolas de Santa Catarina passou a atrair mais os compradores externos.

Independentemente da origem dos compradores, o preço e o negócio são realizados no ato da exposição do produto. O pagamento ao produtor é invariavelmente feito a prazo, normalmente em 20 dias, obrigando o produtor a retornar a cidade em busca do dinheiro junto ao comprador. O frete é pago pelo produtor. Assim sendo, o produtor vende a cebola no dia em que houve o transporte e aos olhos do comprador que a classifica superficialmente quanto à qualidade e tamanho, e muitas vezes são pressionadas pelo proprietário do caminhão a efetuar o negócio rapidamente para que este possa realizar novos fretes. Quanto maior a demanda de cebola, portanto, menos favoráveis são as condições para o produtor.

Não existe contabilidade, nem por parte dos produtores nem dos comerciantes locais nem tampouco comprovantes de compra e venda da mercadoria. Os negócios são efetuados “de boca”. Assim os produtores, na maioria analfabeto ou com nível baixo de escolaridade, tornam-se presas fáceis para o logro ou até mesmo o não pagamento pela venda da mercadoria. A cebola apesar de ser considerada indispensável na culinária como tempero não é um produto de primeira necessidade o que somada à forma como se dá a comercialização e ao volume da colheita influencia na oscilação de preços de uma safra para outra.

Outro grave problema que afetou os produtores de cebola nortense foi o período de oferta do produto. Em décadas passadas a cebola em São José do Norte era a única oferecida no período de verão, atraindo para o município todos os agentes que comercializavam o produto (Figura 3). Com isto, também, mantinha maior poder de pressão sobre o preço, privilegiando o custo de produção. A partir de meados de 1985, através de um programa de melhorias na cebolicultura desenvolvido pela Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), este estado ultrapassou em volume de produção e produtividade o estado do Rio Grande do Sul, abastecendo o mercado no mesmo período. A concorrência destes produtores do Vale do Itajaí, principalmente, foi decisiva para a crise, pois são estes que determinam o preço.

Com o custo menor de produção, menor distância/tempo de circulação dos principais centros consumidores, a cebola catarinense passou a ditar os preços nos últimos anos, diminuindo o lucro dos cebolicultores gaúchos e aumentando a oferta do produto no mercado. Disto resulta que não houve mais a costumeira alta cíclica do preço da cebola, não havendo o ganho maior eventual do produtor. Nas entrevistas percebemos que poucos produtores conhecem a existência deste novo fator, ou a sua dimensão, e muitos ainda esperam que a cebola volte a ter seus preços majorados como ocorria no passado.

Com o custo menor de produção, menor distância/tempo de circulação dos principais centros consumidores, a cebola catarinense passou a ditar os preços nos últimos anos, diminuindo o lucro dos cebolicultores gaúchos e aumentando a oferta do produto no mercado. Disto resulta que não houve mais

a costumeira alta cíclica do preço da cebola, não havendo o ganho maior eventual do produtor. Nas entrevistas percebemos que poucos produtores conhecem a existência deste novo fator, ou a sua dimensão, e muitos ainda esperam que a cebola volte a ter seus preços majorados como ocorria no passado.

A cebola comparada a outros cultivos garante uma boa produtividade e ao longo das últimas três décadas garantiu bons rendimentos aos produtores. Nos últimos anos, porém, um fenômeno menos freqüente no passado, hoje é mais rotineiro: trata-se do ato de jogar fora a produção de cebolas, pois o que se ganha não paga, muitas vezes, nem o frete até a cidade. Nessas ocasiões, uma parte da cebola é dada aos animais de criação, outra parte vai para o adubo e o restante é jogado à beira da estrada.

A oscilação do preço da cebola se deve a uma falta de estratégia comum dos produtores. A falta de uma contabilidade não permitia ao produtor acompanhar a queda do preço, principalmente após a entrada da produção de cebolas catarinenses no mercado. Os produtores percebiam apenas o aumento das taxas de juros bancário devido crescimento da dívida com os bancos nos últimos anos e a pouca quantidade de dinheiro que sobra após a comercialização. A queda do preço da cebola se deve à oferta da cebola catarinense que, com um custo mais baixo, é mais competitiva determinando o preço. A alta taxa de inflação que marcou este período ajudava a mascarar tanto o preço da cebola, no sentido de um aumento de preço fictício, como na taxa de juros do banco.

PERÍODO DE OFERTAS DE CEBOLA NO PAIS

ESTADO	PRODUÇÃO (87/88)	PERÍODO DE OFERTA											
		TON	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
RS	124.274	X X X X X X										X X	
SC	211.697	X X X X X X										X X	
PR	27.240	X X X X X X										X X X	
SP	266.696												
Soqueira			X X X X										
Claras Precoces				X X X X X									
Baias Periformes											X X X X		
BA	86.199			X X X X X X							X X X X		
PE	28.416				X X X X X X						X X X X		
Outros	10.577					X X X X							

FONTE: EMATER São José do Norte

Figura 3: Oferta de cebola.

Além destes fatores, 70% da área plantada da cebola são do tipo Baia Periforme, introduzida pelos produtores portugueses e açorianos, em detrimento de cultivares com maior produtividade, tempo de armazenagem desenvolvida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), como a variedade aurora, ou a desenvolvida na Estação Experimental de Rio Grande, como os tipos Jubileu, Petrolini, e Rio Grande.

Assim, a tendência foi a de que a cebola não viesse mais a remunerar o cebolicultor. A falta de expectativa deste tipo de produtor foi demonstrada pela manifestação do desejo de que os filhos deveriam estudar ou fazer uma atividade fora da agricultura. Na impossibilidade disto preferiam à continuidade da atividade agrícola.

O sistema intitulado **produtores comerciantes de cebolas** têm na cebola o principal produto agrícola. O sistema de cultivo é muito semelhante ao anteriormente descrito. Entretanto, existe uma outra atividade além da agricultura que é o comércio da cebola, o que não os diferencia quanto ao sistema de produção, mas sim como produtores agrícolas e atores sociais.

Tanto o tamanho do estabelecimento como da área de plantio da cebola são em média maiores, variam de 30 a 100 ha em área total e plantam de 15 a 30 ha de cebola. Os produtores de cebola que também a comercializam têm seus estabelecimentos próximos à sede do Município.

Existe uma combinação do uso da mão-de-obra e de máquinas. Os produtores/comerciantes possuem camionetes, tratores, não raro caminhões, implementos como grades, arados, disco, roçadeiras, etc., no entanto o trator só é usado normalmente no trabalho de preparação da terra dos canteiros aonde será transplantada a muda de cebola. No canteiro onde é semeado o cebolinho é comum a presença de diaristas e a utilização da tração animal. A adubação é feita como no sistema descrito anteriormente, isto é, com adubo orgânico e químico. Vários produtores utilizam irrigação artificial na etapa do cebolinho em época de estiagem. De resto, os canteiros e o cultivo de cebola, ocorrem como já foi descrito, isto é, não se diferenciam dos pequenos produtores familiares.

Os produtores/comerciantes utilizam mão-de-obra assalariada no plantio do cebolinho, no transplante da muda e na colheita. Para esta etapa valem-se do trabalho de diaristas que normalmente moram em São José do Norte ou é recrutada em lugares próximos a unidade de produção. Os diaristas são transportados todos os dias em dois turnos, em camionetes ou caminhão, da cidade até o local de trabalho. O primeiro turno começa às 7 horas da manhã e termina às 13 horas, e o segundo das 13 até às 19 horas. Assim, não fazem refeição no local. Estes diaristas são originários de pequenas propriedades que foram vendidas ou arrendadas.

Todos os produtores/comerciantes mantêm uma pessoa responsável pelo cuidado e a administração do estabelecimento, chamado de chacareiro. Todavia, não encontramos assalariamento nesta relação de trabalho. A forma de pagamento é a parceria, ou seja, o produtor paga em cebola em cotas que variam de 10 a 20% da produção. A quantidade a ser plantada é definida pelo proprietário, bem como a área correspondente ao parceiro. Após a colheita este tem o direito de vender a sua cebola ao proprietário ou a outro comerciante qualquer, não havendo obrigatoriedade nas vendas. A alimentação do chacareiro é comprada na cidade pelo proprietário que depois

desconta na safra. Quando há horta, tanto os implementos quanto a adubação podem ser usados pelo chacareiro.

Os produtores/comerciantes são majoritários entre os comerciantes locais, tanto em número, como em volume de negócios realizados com a cebola. São em sua maioria nortense e filhos de produtores tradicionalmente comerciantes e geralmente ligados à classe política local. Com base nas entrevistas realizadas, pôde ser constatado que o interesse por esta atividade se deve a uma forma de defesa do aviltamento de preços que a cebola sofria no passado. Esses produtores/comerciantes fazem à ligação, através da compra da produção da cebola, dos produtores de base familiar com os grandes atacadistas dos centros consumidores. Há dois preços para a cebola comercializada em São José do Norte. O preço pago pelos produtores/comerciantes pela produção de base familiar e o preço pago pelos atacadistas aos produtores/comerciantes. Estes relataram que a diferença entre estes dois preços já chegou a 20% em anos passados, e que no período 1987 até 1994 alcançou 5%, aproximadamente, período esse em que se efetiva a concorrência feita pelos produtores catarinenses. Houve um relato que descreve a concorrência da produção de Santa Catarina e que lá, além do transporte e do custo de produção ser menor, a qualidade da cebola catarinense é melhor porque aquelas cultivares apresentam menor índice de doenças.

Nenhum dos entrevistados fazia qualquer tipo de contabilidade, sendo por isso impossível avaliar com exatidão o comportamento destes dois preços. Os negócios eram realizados “de boca”, entre os sócios das firmas de comércio, bem como entre os atacadistas. As guias de recolhimento de ICM e/ou outros impostos e o seguro não representam evidentemente a realidade, por isso não podendo ser constatado.

A atividade com a cebola desenvolvida por esta classe de produtores, embora com uma racionalidade semelhante à dos produtores familiares, tem uma garantia de lucro em qualquer tempo. Independentemente da variação do preço da cebola na safra, ou de uma safra para outra, a margem de lucro no atravessamento para o atacadista é garantida, bem como a garantia de um preço maior, visto que o preço pago é o do atacadista de fora. Os

produtores/comerciantes residem todos na cidade, e tem aí seu estabelecimento de comércio.

Os outros dois sistemas de produção, **a pecuária associada à cebolicultura e a agroindústria** predominam na área que compreende o 2º Distrito – Estreito e Capão do Meio dissipando-se no 3º Distrito, onde há o predomínio do sistema **a rizicultura e a agroindústria**.

Como já foi descrito na introdução deste texto, a evolução da estrutura fundiária originou propriedades compridas com pouca frente para a estrada, que giram em torno de 100 a 200 há podendo-se encontrar estabelecimentos com 500 ha. Estas estruturas têm grandes potreiros para a pecuária extensiva nas terras mais baixas, e nas terras mais altas, próximas à estrada, tem-se o cultivo de cebola. Por isso mesmo, a vegetação nativa é preservada nestas áreas e aparece menos ou inexiste nos potreiros maiores.

Os produtores apresentam-se mais equipados com tratores em torno de 70 HP, e alguns implementos como arado, roçadeiras, reboque, grade, etc. Alguns tiveram ou têm colheitadeiras para o arroz.

A pecuária é desenvolvida de forma extensiva, não sendo necessariamente associada ao arroz. Diz-se isto, porque proprietários da atividade pecuária de corte arrendam a terra para a produção do arroz. Sendo assim, a área que não é cultivada com a cebola é destinada para a pecuária e, eventualmente, a área destinada para a pecuária pode ser arrendada para o cultivo de arroz. Entre os entrevistados, o número de cabeças de gado bovino gira em torno de 100 a 200 reses. A pecuária, ao contrário do sistema anterior, é uma atividade comercial importante. O gado vivo é vendido a compradores que escoam a produção pela estrada que liga às cidades de Tavares e Mostardas. Esses produtores também não têm nenhum tipo de contabilidade. Não investem na procura de melhorias de qualidade ou de produtividade das raças. Até mesmo alguma cultura forrageira para o inverno segue o exemplo da pecuária tradicional da campanha gaúcha, ou seja, é eventual e sem acompanhamento técnico.

A cebola é plantada neste sistema em regime de parceria. Por isso mesmo os proprietários plantam entre 18 e 30 ha com vários parceiros. A cota é normalmente 50% (meia). O plantio é feito de forma semelhante à dos produtores/comerciantes, ou seja, o canteiro de cebolinho preparado com

tração animal e o canteiro definitivo com o uso do trator. O detalhe é que a terra onde será plantada a cebola do proprietário é preparada primeira, na época mais adequada. A comercialização é feita nos moldes da produção familiar com a venda independente do proprietário e do parceiro.

No 2º Distrito, alguns produtores relataram que nos anos de 1985 a aproximadamente 1987, investiram na cultivo do arroz. Compraram máquinas e colheitadeiras e deram início a uma plantação própria. Todavia, nesse período, sucederam-se estiagens que impossibilitaram o desenvolvimento da atividade, o que os levou a abandoná-la e a venderem as máquinas. Outras experiências de arrendamento para o cultivo do arroz não lograram sucesso pela falta de pagamento dos respectivos arrendamentos.

A região da restinga é caracterizada pela presença de banhados (ver mapa Lagoa e banhado) em áreas baixas , e sua topografia muito plana faz com que o volume d'água represado não seja muito grande. A proximidade da Laguna dos Patos serve com outra fonte de abastecimento de água, embora em tempos de estiagem torne-se impraticável pela salinização das águas, devido à penetração das águas oceânicas entrarem pelo canal de Rio Grande. Assim, esta alternativa é utilizada enquanto não ocorre a “salga da lagoa” (salinização pela entrada da água do mar pelos molhes da barra), podendo ser armazenada em diques construídos. Entretanto, a topografia plana impede o armazenamento de grandes quantidades de água, mesmo em diques. Outra alternativa possível tecnicamente é a de abertura de poços, pois dada às características do solo, é uma fonte de obtenção de água. Entretanto, dada à inexistência de rede elétrica na região, torna-se oneroso à obtenção do recurso hídrico por essa via.

O Grupo Joaquim Oliveira S.A. possui uma unidade produtiva no 3º distrito do município de São José do Norte, com aproximadamente 6.000 há, onde possui uma unidade de produção e beneficiamento. A área total destinada à produção de arroz é de aproximadamente 2.000 ha, a metade da área total plantada no município nortense. O escoamento do arroz é feito por uma balsa que liga um pequeno porto construído na foz da barra falsa com a Laguna dos Patos, junto as sede da granja e ao armazém, rumo cidade de Pelotas, sede da SUPRARROZ. Esta via de escoamento baixa o custo de

produção, pois a balsa transporta de maneira mais econômica o equivalente a carga de 30 caminhões.

O principal projeto desta empresa é o aumento da área destinada ao plantio do arroz. Todavia a disponibilidade d'água constituía no maior problema à expansão da rizicultura. Neste sentido, a empresa construiu em 1994 uma represa para impedir a salinização das águas da barra falsa, próximo à localidade de Bojuru, e assim dispor de uma quantidade maior de água represada viabilizando o aumento da lavoura. Esta represa pode ser visualizada com boa resolução no Google Earth.

Outro projeto do grupo diz respeito a uma futura integração com os produtores da área. A proximidade por via lacustre de centros urbanos como Pelotas e a Grande Porto Alegre, e a existência da rede de supermercados do grupo, possibilitaria a comercialização de feijão e hortigranjeiros, culturas típicas de pequenas propriedades. Porém, a qualidade e a padronização dos produtos, bem como a irregularidade do abastecimento inviabilizam no este projeto. Todavia os agrônomos do grupo têm tomado à iniciativa de contatar os produtores e ministrar cursos no sentido de melhorar a qualidade dos produtos para viabilizar o projeto.

2. ALGUMA COISA ESTÁ FORA DA NOVA ORDEM MUNDIAL

Durante as décadas de 60 e 70 até metade dos anos 80, a cebola remunerou seus produtores como atividade principal e comercial, permitindo não só a reprodução do conjunto das unidades de produção, mas propiciando alguns produtores – além dos comerciantes – certo nível de conforto e consumo. A concorrência exercida pelos produtores catarinenses no final dos anos 80 colocou os dois sistemas em uma crise sem precedentes, pois compromete a reprodução das unidades cebolicultoras, quando os setores atacadistas não mais se interessam pela principal cultura comercial – única fonte de renda agrícola no caso da produção familiar. Os laços com o mundo capitalista ficaram comprometidos.

A rizicultura apresenta problemas para expandir-se na área de estudo, pois na relação dos fatores de produção o custo torna-se mais alto se comparados com as áreas similares nos municípios de Pelotas, Rio Grande e

Santa Vitória do Palmar. Os três sistemas de produção, portanto, apresentam problemas ao nível de sistema agrário, quando variamos a escala de análise e a comparamos com as outras regiões produtoras. Quais são então, os obstáculos ao avanço da agricultura capitalista em São José do Norte?

Não são apenas um ou dois fatores que inviabilizaram a modernização da agricultura nortense. A expansão da lavoura de arroz – carro chefe da modernização – encontra problemas para a obtenção de água a baixo custo, falta de energia e condições de trafegabilidade. Estas condições estabelecidas em paralelo ao longo de décadas de transformação na base técnica da agricultura brasileira, acabaram por tornar a área de estudo exótica, pela manutenção do trabalho familiar, pelo tipo de divisão do trabalho e pela racionalidade da sua produção. A questão é que, todos os anos, safra após safra, as mesmas condições se reproduzem, garantindo a continuidade e a singularidade do sistema social.

Entretanto, estes fatores internos a área de estudo não impediram a modernização de outras áreas também agricultáveis, como Santa Vitória do Palmar, Mostardas. O problema parece estar numa relação de fatores em escala regional. Como fatores internos, não houve no momento da modernização da agricultura a possibilidade da formação de granjeiros. Como fatores externos, as relações capitalistas de produção não encontram na área de estudo, condições de reproduzirem-se transformando a base de técnicas e em decorrência as relações sociais. Disto resulta uma forma particular da exploração do trabalho e uma aparente “especialização” da produção expressa na cebolicultura. Daí a “especialização possível”, a cebolicultura, único cultivo comercializável, caracterizando o cotidiano da área de estudo.

Assim, a crise na cebolicultura abre espaço para a diversificação de culturas. Entretanto esta só se viabilizará se encontrar interesses e condições de comercialização, caso contrário, continuaremos assistindo ao aumento do êxodo rural. Por outro lado, a compra de terras e o saturamento de terras disponíveis em outras áreas agrícolas, possibilitam o aumento da rizicultura. Esta somada aos interesses da mineração, a exploração de pinus e a ligação com o Super Porto do Rio Grande, certamente levarão o Estado (ou de outra forma qualquer) a viabilizar a infra-estrutura necessária para o seu desenvolvimento.

Todavia o que resta é a constatação de que o campesinato sabe de que a vida poderia ser melhor, de que o trabalho poderia ser mais leve e o futuro dos filhos promissor. Mas não parece ser este o final que se aproxima.

Em grifo, este é o final da dissertação defendida em 1994. De lá para cá a cebolicultura não diversificou para outros cultivos, pois não convergiram os interesses e as necessárias condições para comercialização. O êxodo rural mudou para a cidade a maior parte da população rural nortense e que hoje vive na periferia da cidade. A área de arroz não teve seu principal crescimento em área, mas no aumento da produtividade, incrementando investimento em áreas com mais infra-estrutura. Tão pouco a atividade mineradora achou-se lucrativa a ponto de fazer investimentos. Silenciosamente na época, a aposentadoria que beneficiou a população rural estabelecida na constituinte de 1988, fazia a distribuição da mais-valia social da cidade para os poucos que ainda estavam no campo. Mas isto é motivo do próximo estudo. Que melhor sorte tenham os demais projetos que estão chegando!

BIBLIOGRAFIA

FONTOURA, Luiz F. M. **As relações sociais de produção e a produção do espaço agrário em São José do Norte-RS.** Dissertação de mestrado, UFRGS, (Porto Alegre), 1994.

LUZZARDI, Roberto C. **Análise sobre a cebolicultura sul-riograndense. São José do Norte, Rio Grande, Mostardas.** s/d.